

Director-Editor FERREIRA DA SILVA

a quem deve ser dirigida toda a correspondencia

Endereço telegrafico ALGHARB - Faro

As se restituem originaes, sejam ou não publicados, e não se aceitam informacoes anonimas

Redacção e administração Rua de Alportel n.º 27

O ALGARVE

SEMANARIO INDEPENDENTE

Domingo, 12 de junho de 1921

ASSINATURAS

Pagamento adiantado Portugal, Ilhas e Hespanha 6 mezes. 1400 Colonias e Estrangeiro . . . . . 1100

COMUNICADOS E ANUNCIOS Na 3.ª e 4.ª pagina, cada linha \$10 Nas outras paginas, contracto especial

Composto e impresso na Tipografia d'«O Algarve», RUA DE ALPORTEL, N.º 23—FARO

ATUNS E SARDINHAS UM PRESIDENTE!!!

Ele ha cada presidente! 11... Aqui leem os senhores este que o correspondente do Seculo em Faro foi descobrir em Olnão! E' um exemplar digno de registro; é um exemplar talvez unico! Na sensacional conversa que do alto da sua competencia ele concedeu ao correspondente referido, ha duas partes distintas e apenas um fundo atrabilhoso de odio verdadeiro que o define. Não temos o prazer de conhecer tão illustre, tão illustissimo presidente e nem, se ele falasse como simples particular, lhe faríamos a mais ligeira referencia, mas a situação em que está colocado obriga-nos a comentar as suas asserções, não vão os que não conhecem a questão supor que ele diz alguma coisa nova ou alguma coisa que não seja verrinosa e cóxa do lado da verdade.

As suas primeiras palavras são de admiração pelo autor e pelo artigo Portugal e Hespanha publicado no «Correio do Sul», em que além de bazalidades, coisas velhas e reditas, apenas se salientava a parte que aqui já comentamos, cheia de insinuações, de ameaças e de suspeições que é necessario que acabem publicando-se factos e os nomes dos individuos que se dizem estarem vendidos a Hespanha e ainda os dos hespanhoes que os compraram, liquidação indispensavel para as pessoas honestas a quem taes insinuações e suspeições possam atingir e para tirar a taes afirmativas o ar de chantage que elas podem vir a tomar.

Dizem os francezes que um homem genial encontra sempre outro mais genial que o admira, ditado que nós em Portugal usamos traduzido com a historia dos dois compadres, um dos quaes diz para o outro:

«Nesta terra ha dois homens de juizo. Um, é você compadre, e o outro você dirá quem é».

E, na verdade, o illustissimo presidente tem razão em admirar o genial artigo que se não é obra sua por si proprio deve ter sido inspirado, como o dão a entender as insinuações que faz na conversa do Seculo. Examinemos, porém, por meude as afirmações do illustissimo presidente, porque elas retratam-nos melhor que o pincel do mais celebre artista.

«As industrias da pesca e de conserva são irmãs genias que ninguém deve separar».

Com este intuito, tem S. Ex.º, o intuito de estabelecer a sua profunda sciencia fisiologica, antes de nos revelar os primores dos seus incomparaveis e profundissimos conhecimentos economico-sociais.

Realmente, pode lá haver conservas sem pescas ou pescas sem conservas? E' preciso concordar que só o illustissimo presidente ou o conselheiro Acacio seriam capazes de dizer uma verdade de tamanha grandezza e expressã-a com tamanha audacia! Separar-as? Seria realmente, mata-las como succedeu com os classicos irmãos siameses.

Mas ele vai entrar nas suas considerações economica-sociais:

«A industria de conservas, especialmente, continua a ser o bode expiatorio da tributagem, da uzura e do acambarcamento».

Confessamos que não percebemos bem, mas não admira. Os grandes homens são assim ás vezes; inacessíveis.

E' ela que mais contribue para o equilibrio economico do nosso paiz pela corrente de ouro que canalisa para os cofres do Estado».

Até ha pouco tempo eram os vinhos e especialmente os do Porto, illustissimo presidente, mas se a observação lhes parecer inoportuna para a sua causa e, sobretudo, para a sua sciencia, atira-a para o cesto dos papeis inúteis.

«Vive do seu proprio esforço e recursos, ao desamparo, assediada por violentos encargos e exigencias, em risco de completa falencia logo que a nossa situação cambial se normalise».

Mas quaes são as industrias que em Portugal, ou em qualquer paiz não vivem do proprio esforço,

illustissimo presidente? E quaes são aquelas que hoje não estão cheias de pesados encargos e exigencias em relação com os tempos de antes da guerra? Com respeito a tal completa falencia, isso é um truque que nem já serve para palermas. Então que é do dinheiro que a tal industria ganhou a rodos desde que principiou a guerra até que os cambios e os creditos o permitiram? Mas com o que está no sacco não se conta, não é verdade?

Se de lá sair algum, é prejuizo e oxalá que não saia porque nós não somos como o illustissimo presidente que entende que só ele é que ha-de viver e que os direitos dos outros não existem quando são opostos ao seu.

«Essa industria sustenta em todo o nosso litoral milhares de creaturas».

E' verdade e nós mesmos, que nos presamos de ser imparciais e tolerantes, incapazes de afrontar ou de não respeitar os direitos e os interesses alheios, já aqui o confessamos.

«E porque estão em contacto com a verdadeira miseria dos seus operarios e com o desfinhamento de centenaes de creancinhas abandonadas, vivem os industrias em constantes sobresaltos e receios resultantes de graves dificuldades e de leis sem nexço que a incompetencia de uns e a usura de outros exploram ostensivamente».

Ora, o illustissimo presidente aqui puxou todos os recursos da sua veia sentimental, como os politicos nos comicios contra o governo ou contra o existente.

Os politicos gritam a miseria do povo, a fome das creanças para poderem trepar e comer.

O illustissimo presidente quer fazer chorar, quer comover com a miseria dos operarios, mas estes para lhe arrancarem um tostão de aumento nos salarios precisam de fazer greves e precisam de passar fome. Quantas vezes não é a ganancia dos argentarios, dos patrões, o cruel espirito de exploração de alguns que explicam tantos desesperos e tantos atentados!

E quanto ao abandono das creancinhas, se essas creanças existissem, se não fosse um truque seditio de orador barato, isto é, se essas creanças estivessem abandonadas, primeiro que chorar a sorte delas para obter o que quer, devia o illustissimo presidente e todos os que com ele intercedem a custa do trabalho dos operarios, recolhê-las, alimentá-las e educá-las.

Praticariam assim uma obra de caridade cristã, ou como se diz agora, uma obra de solidariedade e saneamento social, e, até, de segurança e prosperidade proprias, porque essas creanças educadas na disciplina e na ordem, o que, com certeza não succederá ficando ao abandono, seriam excelentes operarios e cidadãos. Assim, serão o pasto ignobil das prisões, a argamassa das collições sociais, dos legionarios e dos da luta das classes.

Quantas escolas subsidia o illustissimo presidente para educação dos filhos dos seus operarios, além daquelle regadilhado tributo que o estado lhe tira a ferros para sustentar as escolas officias?

Quantas creches subsidia o illustissimo presidente, para que os filhos das operarias das fabricas, enquanto as mães vão ganhar o preciso para viver, tenham assistência e alimento e não fiquem famintos e abandonados em casa? Quantas cantinas escolares subsidia a bolsa do illustissimo presidente para que as creanças encontrem na escola não só o alimento do espirito mas também o atrativo de uma pequena refeição, simples, higienica e limpa que elas precisam e que ellas agradecem?

Diga-nos toda essa sua generosa obra para lhe reconhecemos o direito de escuder as suas reclamações na miseria dos operarios e no abandono das creancinhas e para não termos nós o direito de supór que quer com tudo isso apenas arranjar novos meios de aumentar a sua riqueza.

Mas prosigamos na análise das memoraveis e sensacionais palavras de S. Ex.º no «Seculo».

NOTAS E COMENTARIOS

«Hoje, pelas 21 horas, devem reunir-se os revolucionarios civis de Lisboa, a fim de escolherem o seu candidato ao parlamento.

Parece que os revolucionarios do Porto tambem resolvem concorrer ás eleições, indicando para deputados os ars. Armando de Azevedo e padre Camilo de Oliveira».

(Dos jornaes do dia 9)

Ora eis uma prometedora esperança. A verdadeira força viva do paiz em S. Bento.

Armando de Azevedo feito deputado, ministro amanhã e quem sabe se presidente passadas algumas horas!

Talvez que a muita gente pareça um disparate a representação dos revolucionarios nas casas do Parlamento.

Não é tal! Num paiz como o nosso, que vive de revoluções, essa representação é necessaria!

Ha absoluta necessidade de legalisar e regularisar os actos revolucionarios. Assim, por exemplo, e segundo informações seguras, esses senhores vão trabalhar no sentido de não serem permitidas revoluções por mais de 24 em cada dia e abolir actos revolucionarios aos domingos e dias santificados, etc.

Regularisarão as situações dos seus confrades que ainda não comem á meza do orçamento e chamarão a si o direito de dissolver o parlamento, quando este não convier aos seus interesses que são tambem os do paiz.

Para que tudo fique dissolvido bastará uma bombazeta no antiteatro da camara dos deputados e pouca-se assim mil e um dissaibores ao chefe do Estado e aos politicos...

Já vêm que é indispensavel a representação dos camaradas revolucionarios.

Manoel Caetano de Sousa.

«No Algarve o caso reveste aspectos particulares.»

E nós a cuidarmos pela prosa já apresentada, que S. Ex.º se cingira sempre aos casos do Algarve. Defeitos da nossa compreensão. Adiante.

«As armações de atum lançadas na melhor época da pesca da sardinha, ou são propriedade «parceirada por individuos estranhos á provincia», ou de usuarios que finda a temporada embandeiram em arco «enchendo as burras e aproveitando depois gananciosamente o dinheiro arrecadado».

Deve concluir-se que o illustissimo presidente no radicalismo das suas convicções industrias e na sua sciencia economico-social, acha que aos individuos estranhos ao Algarve não deve ser permitido ter negocios aqui. E' um regionalismo comercial, limitado naturalmente apenas á liberdade que ele reivindica para si e para a sua classe de aqui se arranjar. Quando quiser fazer negocios noutras provincias achará por certo um absurdo a mesma doutrina.

«Estes individuos possuem geralmente delegados nas principais repartições do Estado, são defendidas por deputados e chefes de repartição, servindo-se de excepções escandalosas pelas leis estabelecidas contra a melhor industria de Portugal e contra o bem estar de milhares de pessoas».

Como se vê o illustissimo presidente não recua diante de insinuações, nem de afirmativas que dão a medida do seu espirito e do seu caracter! Mas nós que o supomos com tanta coragem para denunciar como para provar pômos desde já este jornal ás suas ordens para dizer quem são os delegados e deputados que se servem das excepções escandalosas contra a industria das conservas e contra o bem estar de milhares de pessoas. Tem que dizer.

Oigam agora mais isto: «E' necessario não esquecer que os locais pesqueiros de sardinha estão na mão de estrangeiros, com armações de atum que pouco ou nada produzem, num desprezo flagrante pelas leis vigentes».

PABOLANDO... Criticos de Sovela

Sou novamente obrigado a falar aos meus leitores e desta vez, se m'o permitir, sem intermediario.

Não ha duvida que a minha conversa despreocupada com o sr. Pascoal Segredo, meu estimadissimo cliente e amigo, foi verdadeiramente sensacional.

Sabia-se que eu vendia, na Leitaria Aliança, o melhor leite de todo o Algarve e que fornecia as mais delicias gulodices assucaradas, os mais saborosos bolos, os mais finos licores, a mais pura agua de toda a provincia, e sem deixar de ter os mais aromaticos charutos e os mais exquisitos cigarros a par de uma bem orientada e bem educada alegria que conquista as sympathias e que me faz vender aos amaveis turistas, todos os missaes e rabecas de figos que o meu camarada das letras sr. Azevedo é capaz de fabricar com aquele fino gosto artistico que lhe é proprio.

Sabia-se tudo isto mas ninguém supunha que eu fosse capaz de arrumar quatro ideias sobre litteratura ou sobre arte.

Dahi o successo da minha conversa, successo que excedeu tudo o que eu podia imaginar e que foi devido não aos meus meritos litterarios mas porque correspondia ao que tanta gente pensava e não podia ou não tinha a coragem de dizer em publico. E' de resto a explicação de todos os exitos litterarios ou jornalisticos. Toda a gente, e eu tambem sabia que se alguma resposta tivesse de vir não seria directa porque eu, em frente dos grandes literatos e artistas que trei ou coloquei em foco, não tinha categoria que a merecesse, mas toda a gente supunha que tal resposta seria risinha e sans rancuns. Vê-se porém, que eu e toda a gente, nos enganamos!

Assim o revela aquele desabafo que parece da camara, nossa senhora e ama, dando conta das criticas que tem sido feitas ás compras das obras primas da exposição do Club Farense. O que eu admiro é que os talentosos redactores da genial defeza se não deem conta do estado da opinião publica ou que, conhecendo-o, ainda alimentem a ilusão falaz de que conseguirão modificá-la com softismas.

Ainda tentam arranjar aplausos para a camara.

Não contentes em comter quem que o publico peça mais!

E como na baralhada que querem fazer o publico distinga e não vá feito, chamam-lhe desprezativamente sapateiro.

Ora, eu, reivindicando sem vaidade, o titulo de sapateiro mór, critico de tirapé e de sovela por ter sido eu que concretisei e dei origem em referencias curtas e risonhas, a toda a critica que se tem feito á resolução que a camara tomou de adquirir as genias obras compradas no Club Farense para adorno das paredes solitarias e tristes da biblioteca municipal.

Sapateiros! Criticos de sovela! Rapaziada brava e audaz!

Aqui, agora, tudo é falso.

Os melhores locais pesqueiros de sardinha não estão na mão de ninguém e as armações de atum rendem tanto dinheiro que ele proprio, atraz já disse, enchem as burras dos usurarios e dos parceiros das meirãs armações.

Como se vê quando a verdade falha não ha presidente que resista. Se não fosse um presidente como é, devia dizer a verdade e documental-a com numeros em vez de fazer um discurso de comicio, destes comicios que a ignorancia dos ouvintes costuma desculpar todas as faltas.

Mas o sr. presidente foge dos numeros porque os não entende ou porque não são favoraveis aos seus desigiosos.

Se ele quizesse eu fosse capaz de os arrumar, podia resumir a

Já quando a gente diz que não lhes comprehende as obras, e nos insultam, chamando-nos barbaros ou estupidos porque os nossos olhos veem um feionabo amarelo no sitio em que eles dizem que pintaram uma linda e esbelta bailarina e porque a gente vê uma alfaca repulhuda onde eles que rem que esteja a cara de qualquer mortal.

Vejam lá os senhores: Criticos de sovela! E porquê? Porque nem eu nem os outros lhes toma a serio, apesar do carimbo municipal, aquilo a que eles e a claques chamam as suas obras de arte.

Se a camara não tivesse pelas ruas da cidade os pachorrentos bois e as olorosas pipas perfumadas a pintar pelas calçadas, outros quadros de um impressionismo bem mais realista, com os canecos até altas horas do dia, de sentinela ás portas esperando a vez de embarcarem o conteúdo e tantos outros serviços necessitados e urgentes pedindo dinheiro immediato e remedio urgente para decencia e hygiene da cidade, talvez tivesse fundamente para se lhe desculpar a fantasia de comprar quadros a quem pintar não sabe, o que é bem diferente de subsidiar os estudos de quem nas escolas procura aprender a desenhlar para saber pintar e que anda ninguém censurou.

Sapateiros! Criticos de sovela! Sim senhores; somos todos, eu e os que não fazem parte da claques. Somos todos os sapateiros de officio ou da critica que não temos a pretensão de querer fazer passar um mal achavascado par de grosseiros tamancos por um lindo par de artisticos sapatos de noiva. Criticos de sovela todos os que não comprehendem que ao desenho de um feio nabo amarelo se chame o desenho de uma bela e suggestiva bailarina e que á pintura de um mollo de rabanetes se chame a reprodução de uma tipica juerga sevillhana.

Sapateiros e burros todos os que não põem os olhos da rapaziada bravia que intenta atrelar ao seu carro triunfal puxado pela camara, todos os que se permitem ter opinião diversa e que não fazem parte da claques nem da clique que a sustenta!

Está bem, mas esqueceram-se ao desfechar-nos a frase do celebre pintor grego—Sapateiro não passes alem das botas, de que ele aceitára a critica do mestre Bucina e emendára os defeitos picturazes notados por este no calçado.

Isto fez o pintor grego porque era capaz de reconhecer a competência do sapateiro, pelo menos no que respeitava ao calçado, e fez isto porque era um pintor e um pintor capaz até de pintar botas. Ora a rapaziada bravia, não o pode fazer porque nesta terra só ela sabe e só ela é inteligente e principalmente porque não é capaz de pintar seja o que for e muito menos botas. Quando muito será capaz de as borrar.

Eugenio Augusto Critico de sovela

A questão da pesca

E' curioso que quem fala a favor dos cercos diz cousa extraordinarias das armações de atum, que toam por si a prioridade e o direito de não serem perturbadas na sua pesca. Argumenta-se que as armações, páte de delas, não pescam. E' por que não as deixam pescar!

Ha armações que toem algum capital estrangeiro, dizem. Seria bom saber-se quando algum ou alguns cercos deixaram de o ter.

Nem repetimos parte dos argumentos, tal é a sua inanidade.

E no entretanto, se nós dissessemos que os cercos podem estar sem trabalhar um mez, por que estiveram mais de trez em greve, e que nos mezes de criação não se devia apanhar sardinha?

A nossa costa está invadida por centos de galeões hespanhoes. Esses fazem só mal ás armações? Puro engano! Eles fazem principalmente mal ás armações portuguezes, por que lhes apanham a sardinha que eles deviam apanhar, porque a levam para Hespanha sem pagarem os direitos que os nossos cercos pagam e vão em seguida as fabricas hespanholas concorrer de um modo favoravel para ellas nos mesmos mercados a que nós vamos.

E' inegavel que o numero de cercos portuguezes tem augmentado, porque o negocio é lucrativo, com a concorrência dos cercos hespanhoes e com os logares das armações por elas tomado.

Se nós encontrarmos uma plataforma facil de aplicar e que dê resultados, porque não experimentar?

Ha muito mar livre das armações para os cercos portuguezes pescarem; aplique-se para as transgressões dos hespanhoes e portuguezes a mesma penalidade; 15 dias de detenção.

Se os espanhoes não podem pescar vão-se embora. Os cercos portuguezes se forem para as zonas vedadas não tem que se queixar, mas não carecem disso por que podem na temporada do atum, pescar na parte livre durante o direito é muito melhor ainda, ficando com a costa quasi toda durante o revez.

Assim, cada um no seu logar é o mais forte. Luctas entre armações e cercos são prejuizos para a nossa provincia e para o paiz. Não são as luctas que melhoram a situação, é o trabalho de cada um completamente defendido pela lei, aproveitando-se os recursos naturais na sua totalidade, se possivel for.

HA 44 ANOS D'«O Distrito de Faro» de 7 de junho de 1877

Veni a ferias o nosso patrioio, sr. José Vasco Soares Mascarenhas, filho do nosso amigo sr. José Soares Mascarenhas, negociante desta praça.

O novel academico acabou de cursar o segundo ano da faculdade de direito na universidade.

No sabado, uniram-se pelos laços matrimoniaes a ex.ª filha do nosso amigo, sr. barão da Ponte de Maril com o sr. Antonio Francisco da Fonseca, empregado da acreditada firma comercial desta cidade, Antonio Pedro de Silva Soares, & irmão.

Acabar com as armações de atum? Perca essas ideias porque ninguém que não seja dono de cercos no Algarve a tal pode anuir.

Todos tem de viver e não é protergendo os direitos de uns em proveito exclusivo de outros que se pode governar um paiz.

O que é necessario é estudar a questão, estudo que o espirito do illustissimo presidente se revela incapaz de fazer ou comprehender e harmonisar o direito de uns com o interesse de todos.

Fora d'isto só os audazes presidentes da sua envergadura são capazes de procurar outras soluções. E perdêm-nos os leitores o tempo que gastamos,

JUSTIFICANDO O QUE DISSE

NOTICIAS PESSOAES

Esteve em Lisboa o sr. Antonio Guimarães Xavier. Com pouca demora esteve nesta cidade o sr. José Gomes Corsino inspector aposentado dos impostos, de Tavira. Esteve de passagem nesta cidade o sr. Henrique Missa, gerente da Casa Totta em Lisboa e director do Consorcio Portuguez de Pesca e Conserva, cujas fabricas visitou. O sr. Henrique Missa ofereceu no Grande Hotel um almoço aos srs. Armando Casa Nova e José Pombeiro, gerentes da casa Totta em Faro, Ricardo Barata e Serra Pereira, gerentes da mesma casa bancaria em Portimão, dr. Carlos Feteira, mr. Pegé e dr. Viriato Guerreiro. Ao champagne trocaram-se muitos brindes, pelas propriedades da casa Totta e do Consorcio, enaltecendo-se as qualidades de trabalho e intelligencia do sr. Henrique Missa. Esteve nesta cidade o sr. dr. Garcia Rosado, de Silves. Parte hoje para Lisboa o sr. Francisco Matheus Juniar, comerciante, desta praça. Vimos em Faro o engenheiro sr. Abom Inglês. Partiram para Hespanha os srs. Francisco Lã e seu filho Francisco Lã Junior, comerciantes desta cidade. Regressou de vendas Novas a sr. D. Maria Luisa Bairrão Bivar Weinholtz. Está nesta cidade o nosso colega de imprensa sr. Jacintho da Cunha Parreira, que vem tratar da sua candidatura como deputado regionalista. Tem estado em Faro o sr. André Correira, de Lagoa. A esposa do sr. José Domingos Lopes, desta cidade, deu a luz uma criança do sexo feminino. Os nossos parabens. Para consultar a medicina sobre a doença de seu filho, partiu para Lisboa o sr. Diniz Amores, farmaceutica desta cidade. Voltou para Lisboa o sr. dr. Celorico Gil. Com sua esposa e filhos chegou de Africa e fixou residencia nesta cidade o sr. Virgilio Monteiro.

Utopias e realidades

Já depois de paginado, tivemos que retirar, por absoluta falta de espaço, o artigo com este titulo, em resposta á carta do sr. dr. Antonio Miguel Galvão.

NOTICIAS VARIAS

A seu pedido foi transferido para Silves, o inspector do circulo escolar oriental do Funchal, sr. Ricardo Sousa Albery. O conselho superior da magistratura judicial, respondendo a uma consulta das estações officias, emitiu parecer no sentido de que se devem admitir agravos para o Supremo Tribunal de Justiça, em materia comercial. A seu pedido foi transferido para Alquer, o chefe da repartição de finanças deste concelho, sr. Antonio Lopes Barreto junior. Para aquele lugar vem o sr. Francisco de Paula Carapeto, que já exerceu os mesmas funções em Olhão.

Teatros e Clubs

Cine Teatro

Deram trez espectaculos na passada semana, o sugsionador Stevenson, senorita Mag Stevenson, mr. Rizz, ilusionista e mr. Fretz, transformista, sendo muito aplaudidos pela numerosissima assistencia.

O professor Stevenson, que é um belo hipnotizador, fez a experiencia do estado de catalepsia total em uma sessão extraordinaria realisada no Club Farense, afim de demonstrar ao publico o lado scientifico do seu trabalho, o que conseguiu plenamente.

Mr. Fretz que é um eximio transformista, veio apresentar-nos as suas despedidas e pedir nos que em nome de todos os seus colegas agradecemos ao publico farense, a forma captivante como foram recebidos.

Dr. Celorico Gil

Podemos informar os nossos leitores que resolveu apresentar a sua candidatura por este circulo o sr. dr. Celorico Gil, que por mais de uma vez tem representado a nossa provincia no parla-

Os meus comentarios do penultimo numero de O Algarve feriram certas vaidades... Devo declarar que apenas me preocupa o sentimento do publico para quem escrevo. Falo para os corações que me compreendem e para as almas que são irmãs da minha; o resto pouco ou nada me interessa! O Exercito, tal como está, não pode oferecer seguras garantias ao paiz que o sustenta, á colectividade que o mantém. A politica tem de ser expulsa dos quartéis. A força armada, o Exercito ou a Guarda—não pode continuar a impor governos ao paiz e a fazer revoluções, por mero sport ou para derrubar ministerios! Os actuaes quadros do Exercito

não satisfazem ás condições de um exercito moderno e nem tão pouco ás de um bom exercito, segundo os moldes antigos! Quando escrevi as «Notas» do penultimo numero deste jornal, a minha alma sangrou profundamente e mais profundamente que a maioria das vaidades a quem a minha sinceridade feria! Ha verdades que se não devem dizer?—Não! A verdade é irmã da Luz e a Luz fez-se para illuminar as almas. O exercito actual é um exercito de politicos, onde a disciplina é a disciplina dos partidos. Hoje é o coronel que prende o capitão, amanhã o capitão que prende o coronel e no outro dia

são os dois que laçam o paiz nunca revolta, para servir uma causa quasi sempre injusta, quasi sempre uma causa de barriga! Pode isto continuar assim? Não! Não! Não e mil vezes não! Este exercito não é um bom exercito! Pelas portas dos cafés e nas salas dos clubs, eu tive a felicidade de ser discutido na semana finda a propósito das minhas afirmações sobre o Exercito e sobre a Guarda Republicana. Segundo o que corria de boca em boca, eu não sei mesmo se chegarei a ser fuzilado! Houve uma simpática creatura que se encarregou de tingir de negro o meu triste quadro. Simplemente me espanta; que aqueles que gritaram

e reclamaram para a minha attitude a pena maxima, não protestassem contra os factos que a motivaram! Contra as vergonhas passadas em Franca e nos quartéis! Contra as revoltas e contra as cobardias! Procurou-se iludir o publico a meu respeito; mas o publico não se ilude com facilidade! Nunca custumei fazer afirmações que não tivessem fundamento! Ha excepções honrosas no Exercito, que o mesmo é que dizer na Guarda, visto que os seus quadros são recrutados daquelle! E se para os mal intencionados é necessario frisar este facto, tão conhecido é ele da opinião geral. Ha excepções honrosas, mas o joio abunda mais do que o trigo neste celeiro com alforra.

Debaixo da maioria das fardas, ha mais amor á politica do que amor ao dever! Quando em 1914 rebentou a Grande Guerra; quando Portugal se viu impellido para esse grande conflito, o nosso Exercito foi posto á prova. Não se discute agora a razão da nossa entrada ou não entrada na conflagração Europeia! O Exercito obedece! Em frente da morte, está a honra ou a vergonha! Pois bem! Eu vou pôr ante os olhos dos que me quiserem ler, alguns quadros bem significativos, tirados do meu livro «Os officias portuguezes na Guerra da Flandres», brevemente a entrar no prelo:

Quadro indicativo dos officias que desde a ida das nossas primeiras expedições para a Africa (fins de 1914) até novembro de 1918, passaram ás situações que lhes vão indicadas

Table with columns for years 1914, 1915, 1916, 1917, 1918 and rows for various military ranks like Generaes, Coronéis, Tenentes-coroneis, etc. It includes a 'SOMA TOTAL' row at the bottom.

Está claro, que não te quadros eu não pretendo afirmar que todos os officias que se reformaram ou passaram á reserva o fizeram estando de perfeita saúde. Não, não e não. Mas ignora alguém, por acaso, o favoritismo das juntas durante o estado de guerra? Ignora alguém que nos anos anteriores o numero de officias afastados do serviço não ultrapassava, de ordinario, a casa dos 100? Sendo assim, somos forçados a admitir que a nossa declaração de guerra á Alemanha produziu uma lamentável epidemia no fôros do Exercito, pondo-nos fora das fileiras um numero de officias superior a 1000! Mas se juntarmos áquella soma o numero dos que foram á Franca e aproveitaram a primeira licença para não mais lá voltar e ainda os que arranjaram, com a empunhoça, commissões de serviço e situações ilegales, para se não incorporarem nas tropas de combate, nós podemos elevar aquelle numero a 3.000, sem recção de nos enganarmos para mais.

E se tomarmos em conta a attitude do Exercito perante os nossos desastres na Grande Guerra; se tomarmos em conta a pouca dignidade dos officias que viram marchar para Franca e Africa camaradas em seu lugar, sem um protesto digno; se tomarmos em conta a propaganda contra a nossa ida para a guerra, dentro e fora dos quartéis, quando já na Flandres e nas terras calcinadas da Africa corria o sangue portuguez; se tomarmos em conta os que fizeram de politica um escudo contra o abocheo; se tomarmos em conta, finalmente, o numero dos que nas trincheiras procuraram desmoralisar os soldados, insultando-os, levando-os á insubordinação e fugindo em frente do inimigo, nós veremos reduzido a menos de 15% o numero dos officias que souberam cumprir o seu dever e manter-se dignamente durante o conflito Europeu. E se tomarmos em conta as revoltas politicas e os movimentos vegonhosos, como o chamado movimento das espadas, eu não sei o

que se salvará do Exercito!... Eu não sou um indisciplinado; sou um revoltado contra a disciplina e contra a hierquia que lavra por aí fora! A força armada atravessa uma horrivel crise moral. Não é a minha vaidade que sofre com esta afirmação! Não são os meus pobres e insignificantes galões que se revoltam contra este estado de cousas! É a minha alma a arder num anelo enorme de grandeza moral, para uma colectividade que tem nos longos do tempo uma tradição luminosa! É a minha consciencia que se levanta incompreendida e revoltada! É a minha sinceridade que fala, guiada por uma justa indignação. Apresento, ao leitor mais alguns quadros curiosos. No dia 31 de dezembro de 1918, isto é, 50 dias e 13 horas depois da assinatura do armistício, um sol benzeteiro entrou no arraial dos nossos officias depones, dando-lhes força e coragem para as lutas dentro dos quartéis. Então vimos desfilar em continencia, apurados e rijos como o aço: Coronéis... Tenentes-coroneis... Meiores... Capitães... Tenentes... Alferes... Somma... Em 31 de dezembro de 1919 as melhoras continuam a acentuar-se e vimos desfilar em direcção aos conselhos administrativos mais: Coronéis... Tenentes-coroneis... Meiores... Capitães... Tenentes... Alferes... Somma... Também os desertores, ante o silencio dos canhões, sentem o arrendimento a dilacerar-lhes a alma e apresentam-se nas fileiras

onde são recebidos de braços abertos: Capitães... Tenentes... Alferes... Somma... Il, caro leitor, os doentes e desertores que ainda não estão nos quartéis, salvo os invalidos de verdade, esperam apenas uma revolta politica e cá os tens perna mais dia menos dia... Não duvidas disso! A Nossa Senhora Politica é uma santa muito mil grossa... Ha por ahí tanta gente que poderia provar! No quadro de desertores eu não incluo os que desertaram ou se apresentaram por motivos politicos, porque isto é o pão nosso de cada dia! Mas o que eu tenho dito, não nada! Absolutamente nada! Muito mais, é o que eu tenho para dizer... Com dados positivos e com documentos insuspeitos! Lá chegaremos... Eu não ataco defendendo a honra do Exercito!

Manoel Caetano de Sousa.

Esquadilha Fiscal do Sul Conselho Administrativo. O Conselho Administrativo desta Esquadilha faz publico que no dia 20 de junho do corrente ano, pelas 13 horas, no edificio da mesma esquadilha, ha de proceder a arrematação em hasta publica de mantimentos, material e medicamentos para o fornecimento durante o ano economico de 1921-1922 á Escola de Alunos Marinheiros do Sul e aos navios da Esquadilha ou qualquer outro do Estado ou ao serviço do Estado que passem ou estacionem em Faro, a saber: 1.º GRUPO Mantimentos—Deposito provisorio 100000 2.º GRUPO Material—Deposito provisorio 80000 3.º GRUPO Medicamentos—Deposito provisorio 50000 Os concorrentes devem apresentar as suas propostas feitas em papel selado da taxa de 15...

Centro Republicano Democratico de Faro Convocação—Assembleia Geral. Em cumprimento do art.º 15 dos estatutos, convoco todos os cidadãos filiados no Centro Republicano Democratico de Faro, a reunir na sede do mesmo Centro, largo Ferreira de Almeida, n.º 5, no dia 12 do corrente, pelas 20 horas. Não funcionando a assembleia geral por falta de numero fica esta transferida para o dia 15 á mesma hora. O vice presidente da assemb. em geral Francisco Lutz Pereira da Silva...

Benf das Igrejas ARRENDAMENTO. No dia 15 do corrente mez, pelas 13 horas terá lugar a porta da repartição de finanças deste concelho, o arrendamento em hasta publica, pelo periodo de um ano e sobre o maior lucro oferecido, acima do da licitação, dos seguintes predios: Casa de residencia do sacristão de S. Pedro, pela renda mensal de 8500 Casa de residencia do ermitão de Santo Amaro pela renda mensal de 4500 Casa terra contigua á do ermitão de Santo Amaro, pela renda mensal de 4500 Casa alta junta á ermida de Santo Amaro, pela renda mensal de 4500 Casa terra junta á ermida de S. Luiz pela renda mensal de 3500 Casa de residencia do sacristão da Conceição pela renda mensal de 359. Uma cerca com arvores (nas-

sal do paroco da Conceição) pela renda mensal de 339. Uma cerca com arvores e casias (passal do ajudador de Santa Barbara), pela renda mensal de 360. Uma cerca com arvores e casias (panal do paroco de Santa Barbara) pela renda mensal de 5300. O inicio do arrendamento começa em 1 de julho de 1921, excepto para o passal do paroco de Santa Barbara que começa em 1 de janeiro de 1921 e os arrematantes tem de apresentar fiador edonio no ato da praça e são obrigados a pagamento adiantado das respectivas rendas. Faro, 7 de junho de 1921. O Presidente da Comissão Concelhia José Francisco de Paula Mendonça

Caixeiro viajante PRECISA SE que corra o Algarve baixo Alentejo, por qualquer motivo, que possa tomar a venda de artigos de mercearia e fabricas de conserva. Carta a R. O. Rua de S. Pedro, N.º 62. Faro